

Arte sobre imagem de Jazzia/123RF

feminismos



Apresentação

Vivemos momento crítico com as tentativas de impedir a emancipação das mulheres. A guerra contra gênero mobiliza o Poder Executivo eleito em 2019 e boa parte do Congresso. Ambos visam a desconstruir as recentes conquistas das mulheres à cidadania.

Durante o século XX e as duas primeiras décadas do XXI os movimentos feministas no mundo, e no Brasil em particular, se mobilizaram para alterar a legislação e os costumes que sujeitavam as mulheres à vontade do pai, marido, companheiro, amante e até dos namorados. Sem exagero, desobediência à sujeição é punida com a própria vida, como mostram os elevados feminicídios no Brasil.

Conquistamos o direito de votar, mas carecemos ser eleitas, nos tornamos escolarizadas, mas não em todas as carreiras, continuamos sempre a trabalhar, mas com remunerações in-

feriores em relação a nossos colegas homens. José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi mostram como durante os últimos 150 anos fomos avançando no trabalho, na educação e até nos direitos reprodutivos. Mas as fortes resistências conservadoras põem em perigo as conquistas e ameaçam retrocessos: por exemplo, já tínhamos alcançado parcialmente o direito sobre nosso corpo, nos casos de interrupção da gravidez em decorrência de estupros, mas essa conquista cinquentenária está sendo ameaçada em nome de “não nascituros”.

Há um temor de que jovens conheçam a própria sexualidade, destroem-se cartilhas e impede-se que o tema seja discutido nas escolas. O desconhecimento sujeita as pessoas ao domínio dos que têm poder, seja na casa, na escola, na cidade, no país.

Os feminismos contestaram a hegemonia do saber e da moral religiosa, os costumes patriarcais, o machismo, o racismo. Daí a luta contra os avanços: a guerra não está perdida!

As teorias feministas se desenvolvem paralelamente à ação dos movimentos sociais. Angelo Soares analisa com clareza e concisão

as várias correntes teóricas provenientes dos Estados Unidos e da França. Seu grande mérito se destaca pela análise de dados empíricos, com pesquisas feitas no Canadá. Soares nos mostra quão atrasada é a divisão bipolar da humanidade – homens e mulheres – a partir exclusivamente de nossa conformação genital; mostra como, seja homem, mulher, qualquer ser humano, todos desempenhamos múltiplos papéis sociais que variam no tempo e no espaço; e nos surpreende ao mostrar como mulheres exercem perfeitamente atividades profissionais “supostamente” típicas de homens e vice-versa. Comprova como as teorias de gênero vieram esclarecer as diferenças reais que independem de usarmos uma vestimenta azul ou rosa.

Os caminhos profissionais são árduos quando as mulheres entram em campos reservados ao sexo oposto. Katia Rubio e Rafael Campos Veloso mostram a violência a que são submetidas as mulheres quando praticam esportes, sobretudo os competitivos. Sob a justificativa não científica de que mulheres devem preservar o corpo para a maternidade, proibiam-se a elas várias atividades, especialmente no caso dos esportes. Não só se prejudicava a mulher, como também o próprio esporte e o país. E tudo em nome de uma reserva de mercado.

Os movimentos feministas de mulheres negras despontaram no Brasil concomitantemente aos movimentos de mulheres não negras. Têm focalizado a persistência da subordinação das relações escravistas mesmo depois de 400 anos de extinção formal da escravidão. Somando-se ao movimento feminista afro-americano, têm desenvolvido novas vertentes no cenário brasileiro. Nos últimos 15 anos, autoras negras têm ampliado no Brasil o repertório acadêmico elaborado a partir da história vivida. O dramático relato de Elânia Francisco Lima sintetiza os saltos que o processo de análise do racismo ainda está por

fazer no país. A intersecção de classe, etnia/raça e gênero encontrou uma nova geração que se apoia nas referências de Suely Carneiro, Lélia Gonzales e Carolina Maria de Jesus. Um futuro complexo de lutas se desenha para se impor numa sociedade que persiste em manter padrões machistas, racistas, homofóbicos.

Procuramos no Brasil e na América Latina em geral escapar dos parâmetros teóricos coloniais. Raras análises o conseguiram. Pois foram justamente feministas latino-americanas – vivendo na Alemanha – que tiveram a visibilidade para iluminar as armadilhas coloniais do pensamento. Desse modo, Teresa Orozco Martínez e Martha Zapata Galindo discutem a proposta do *Feminismo para os 99% - um manifesto*.

No último dia 8 de março de 2019 um grupo de mulheres lançou a proposta de um movimento grevista, semelhante ao Occupy norte-americano. Elas consideravam que “todas as feministas eram exploradas por 1% das mulheres as quais usufruíram de vantagens resultantes da exploração ampla da sociedade”. Teresa Orozco Martínez e Martha Zapata Galindo mostram o quanto colonial e populista é essa proposta, que ignora a realidade histórica e de luta dos demais países. Uma visão mais uma vez “paternalista”, que rejeita os obstáculos e a superação conquistados ao longo de um processo cujos passos não podem ser ignorados nem menosprezados.

O convite para organizar este dossiê “Feminismos” me honrou profundamente. É extraordinária a oportunidade de me somar à Universidade de São Paulo, ao lado da ciência, do saber científico, que fortalece a democracia e abre as portas a todas as formas do saber. Bem-vinda a universidade que, apesar da guerra contra a ciência, mantém-se democrática e aberta a todas as discussões.

Eva Alterman Blay